

DISAPPEARANCES (1975)

Paul Auster

DESAPARIÇÕES (1975)

Tradução de **Rafaela Scardino**

1

Out of solitude, he begins again —

as if it were the last time
that he would breathe,

and therefore it is now

that he breathes for the first time
beyond the grasp
of the singular.

He is alive, and therefore he is nothing
but what drowns in the fathomless hole
of his eye,

and what he sees
is all that he is not: a city

of the undeciphered
event,

and therefore a language of stones,
since he knows that for the whole of life
a stone

will give way to another stone

to make a wall

and that all these stones
will form the monstrous sum

of particulars.

2

It is a wall. And the wall is death.

Illegible
scrawl of discontent, in the image

and after-image of life —

and the many who are here
though never born,
and those who would speak

to give birth to themselves.

He will learn the speech of this place.
And he will learn to hold his tongue.

For this is his nostalgia: a man.

3

To hear the silence
that follows the word of oneself. Murmur

of the least stone

shaped in the image
of earth, and those who would speak
to be nothing

but the voice that speaks them
to the air.

And he will tell
of each thing he sees in this space,
and he will tell it to the very wall
that grows before him:

and for this, too, there will be a voice,
although it will not be his.

Even though he speaks.

And because he speaks.

4

There are the many — and they are here:

and for each stone he counts among them
he excludes himself,

as if he, too, might begin to breathe
for the first time

in the space that separates him
from himself.

For the wall is a word. And there is no word
he does not count
as a stone in the wall.

Therefore, he begins again,
and at each moment he begins to breathe

he feels there has never been another
time — as if for the time that he lived
he might find himself

in each thing he is not.

What he breathes, therefore,
is time, and he knows now
that if he lives

it is only in what lives

and will continue to live
without him.

5

In the face of the wall —

he divines the monstrous
sum of particulars.

It is nothing.

And it is all that he is.

And if he would be nothing, then let him begin
where he finds himself, and like any other man
learn the speech of this place.

For he, too, lives in the silence
that comes before the word
of himself.

6

And of each thing he has seen
he will speak —

the blinding
enumeration of stones,
even to the moment of death —

as if for no other reason
than that he speaks.

Therefore, he says I,
and counts himself
in all that he excludes,

which is nothing,

and because he is nothing
he can speak, which is to say
there is no escape

from the word that is born
in the eye. And whether or not
he would say it,

there is no escape.

7

He is alone. And from the moment he begins to breathe,

he is nowhere. Plural death, born

in the jaws of the singular,

and the word that would build a wall
from the innermost stone
of life.

For each thing that he speaks of
he is not —

and in spite of himself
he says I, as if he, too, would begin
to live in all the others

who are not. For the city is monstrous,
and its mouth suffers
no issue

that does not devour the word
of oneself.

Therefore, there are the many,
and all these many lives
shaped into the stones
of a wall,

and he who would begin to breathe
will learn there is no where to go
but here.

Therefore, he begins again,

as if it were the last time

he would breathe.

For there is no more time. And it is the end of time

that begins.

1

De solidão, ele começa de novo —

como se esta fosse a última vez

em que respirasse,

e portanto é agora

que respira pela primeira vez

além do controle

do singular.

Ele está vivo, e portanto ele não é nada

além daquilo que submerge no incomensurável buraco

de seu olho,

e o que vê

é tudo o que ele não é: uma cidade

do evento

indecifrado,

e portanto uma linguagem de pedras,

já que sabe que para o resto da vida

uma pedra

dará lugar a outra pedra

para fazer um muro

e que todas estas pedras

formarão a monstruosa soma

das particularidades.

2

Um muro. E o muro é morte.

llegível

rabisco de descontentamento, na imagem

e no resíduo imagético da vida —

e os muitos que estão aqui

apesar de nunca nascidos,

e aqueles que fariam

para fazer nascer a si mesmos.

Ele aprenderá o discurso deste lugar.

E aprenderá a segurar sua língua.

Pois esta é sua nostalgia: um homem.

3

Ouvir o silêncio
que segue a própria palavra. Murmúrio

da menor pedra

lapidada à imagem
da terra, e aqueles que fariam
para nada ser

senão a voz que os fala
ao ar.

E ele contará
de cada coisa que vê neste espaço,
e contará para o muro mesmo
que cresce à sua frente:

e por causa disto, também, haverá uma voz,
ainda que não seja a sua.

Ainda que ele fale.

E porque ele fala.

4

São muitos — e estão aqui:

e, para cada pedra que dentre eles conta,
se exclui,

como se ele, também, conseguisse respirar
pela primeira vez

no espaço que o separa
de si mesmo.

Pois o muro é uma palavra. E não há palavra
que ele não conte
como uma pedra no muro.

Portanto, ele começa de novo,
e a cada momento em que começa a respirar

sente que jamais houve outra
vez — como se pelo tempo em que viveu
pudesse se encontrar

em cada coisa que não é.

O que ele respira, portanto
é tempo, e sabe agora
que se ele vive

é apenas no que vive

e continuará a viver
sem ele.

5

Na frente do muro —

ele advinha a monstruosa
soma de particularidades.

Não é nada.

E isto é tudo o que ele é.

E se ele não fosse nada, então poderia começar
onde se encontra, e como qualquer outro homem
aprender o discurso desse lugar.

Pois ele, também, vive no silêncio
que vem antes de sua própria
palavra.

6

E de cada coisa que tenha visto
ele falará —

a ofuscante
enumeração de pedras,
até no momento da morte —

como se por nenhuma outra razão
que essa ele falasse.

Portanto, ele diz eu,
e conta a si mesmo
em tudo o que exclui,

o que não é nada,

e porque ele não é nada
ele pode falar, o que quer dizer
que não há escapatória

da palavra que nasce
no olho. E mesmo se
falasse,

não haveria escapatória.

7

Ele está só. E a partir do momento em que começa a respirar,

ele está em lugar nenhum. Morte plural, nascida

nas mandíbulas do singular,

e a palavra que construiria um muro
da pedra mais íntima
da vida.

Pois cada coisa da qual fala
ele não é —

e a despeito de si mesmo
diz eu, como se ele, também, começasse
a viver em todos os outros

que não são. Pois a cidade é monstruosa,
e sua boca
não deixa

de devorar a própria
palavra.

Portanto, há muitos,
e todas essas vidas
lapidadas como as pedras
de um muro,

e ele que começaria a respirar
aprenderá que não há lugar para ir
senão aqui.

Portanto, ele começa de novo,

como se fosse a última vez
em que respirasse.

Pois não há mais tempo. E é o final do tempo

que começa.

Paul Auster (1947) — Ficcionista, diretor de cinema, tradutor e poeta norte-americano. Autor de *A trilogia de Nova York*, *Leviatã* e *O livro das ilusões*.

Rafaela Scardino (1984) — Doutoranda em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Publicou o livro *Movimentos de demolição: deslocamentos, identidades e literatura*, sobre a obra de Paul Auster, além de diversos artigos sobre o escritor norte-americano.